

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo; O quinze; pontuação; manifesto.

Herdeiros diretos dos modernistas de 1922, os modernistas da segunda fase (1930-1945) também se voltam para a realidade brasileira, mas agora com a intenção clara de denúncia social e engajamento político, unindo ideologia e análise sociológica e psicológica a novas técnicas narrativas. Leia o fragmento de “O quinze”, de Rachel de Queiroz.

Texto Gerador 1

Agora, sozinha o marido longe – Chico Bento saíra de manhãzinha a ver se descobria alguém que ensinasse um remédio – de cócoras junto à criança moribunda, Cordulina chorava sem consolo.

Um dos outros pequenos, chupando o dedo, olhava o irmão. E o Pedro, o mais velho, de vez em quando tangia uma mosca que tentava pousar no rosto do doentinho. A criança era só osso e pele. O ventre inchado, o couro seco de defunto, empretecido e malcheiroso.

Quando o pai chegou com uma negra velha rezadeira, Josias, inconsciente, já com o cirro da morte, mal podia respirar.

A velha olhou o doente, abanou o pixaim enfarinhado:

– Tem mais jeito não... Esse já é de Nosso Senhor...

Cordulina ergueu a cabeça, fitou a velha e redobrou o choro. Chico Bento fitava dolorosamente a agonia do filho. E a criança ia se acabando devagar. Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova á beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora.

Cordulina, no entanto, queria-o vivo. Embora sofrendo, mas em pé, andando junto dela, chorando de fome, brigando com os outros...

Dia a dia a miséria aumentava. Só talvez por um milagre iam aguentando tanta fome, tanta sede, tanto sol. O comer era quando deus fosse servido.

Às vezes paravam num povoado, numa vila. Chico Bento, sujeitando-se às ocupações mais penosas, arranjava um cruzado, uma rapadura, algum litro de farinha. Mas isso de longe em longe.

Pedro o mais velho dos pequenos, também tentava um ganho; mas em tempo assim, com tanto homem sem trabalho, quem vai dar o que fazer a menino? Cordulina, botando a vergonha de lado, com o Duquinha no quadril, dirigia-se às casas, pedindo um leitinho para dar ao filho, um restinho de farinha ou de goma para fazer uma papa...

A pobre da burra, que vinha se sustentando com casca de pau e sabugos de monturo, foi emagrecendo, descarnando, até ficar uma dura armação de ossos. Chico Bento julgou melhor trocá-la por qualquer cinco mil réis que ser forçado a abandoná-la por aí, meio morta.

E deixaram a companheira de tantas léguas amarrada a uma estaca de cerca. Eles tinham saído na véspera, de manhã, da Canoa. Eram duas horas da tarde. Cordulina, que vinha quase cambaleando, sentou-se numa pedra e falou:

– Chico, eu não posso mais... Acho até que vou morrer.

Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo caía por cima do rosto. A pele, empretecida como uma casca, praguejava nos braços e nos peitos. A memória do vaqueiro começou a recordar a Cordulina do tempo do casamento. Viu-a de branco, gorda e alegre, com um ramo de cravos no cabelo e argola de ouro nas orelhas.

No colo da mãe, o Duquinha, também só osso e pele levava, com um gemido abafado, a mãozinha imunda, de dedos ressequidos, aos pobres olhos doentes. E com a outra tateava o peito da mãe.

E foram andando lentamente, à toa, costeando a margem da caatinga.

De repente um bé!, agudo e longe, estridulou na calma. E uma cabra ruiva, de focinho quase preto, estendeu a cabeça. Chico bento, perto, olhava-a, com as mãos trêmulas, a garganta áspera, os olhos afogueados.

O animal soltou novamente seu clamor aflito. Cauteloso, o vaqueiro avançou um passo. E de súbito em três pancadas a cabra entonteceu e caiu em cheio por terra. Chico Bento tirou do cinto a faca e abriu no animal um corte. Na pressa, arrancava aqui pedaços de lombo, afinava ali a pele, deixando-a quase transparente.

Mas Pedro que fitava a estrada, o interrompeu:

– Olha, pai!

– Um homem vinha em grandes passadas.

Agitava os braços em fúria, aos berros:

_Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado!

Chico Bento, desnorreado, deixou a faca cair. O homem avançou, arrebatou-lhe a cabra e procurou enrolá-la no couro.

Quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, de mãos juntas, Chico Bento suplicou:

– Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com fome!...

– Não dou nada! Ladrão! Sem vergonha!

E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-se para o vaqueiro:

– Tome! Só se for isto! A um diabo que faz a desgraça que você fez, dar-se tripas é até demais!...

O homem foi para casa e Pedro sem perder tempo, apanhou o fato que ficara no chão e correu para a mãe.

ATIVIDADE DE LEITURA

Questão 1

Observe a linguagem empregada no texto gerador 1 (vocabulário, construções sintáticas) e caracterize a 2ª fase do Modernismo no que tange a esse aspecto.

Habilidade trabalhada: Caracterizar o Modernismo brasileiro.

Resposta comentada: Pretende-se que o aluno perceba que apesar de conservar algumas características da 1ª fase do Modernismo, o que tange a linguagem as características são diferentes. Não há mais um caráter transgressor da sintaxe, apesar de se usar um vocabulário mais acessível, às vezes até regional, em momento nenhum a norma culta é deixada de lado.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

Questão 2

Na frase “Eram duas horas da tarde”, o verbo ser está flexionado na 3ª pessoa do plural concordando com o numeral duas, também no plural. Observe as frases abaixo:

I – Eram meio-dia e meia.

II – Eram uma hora da manhã.

III – Faltava meia hora para acabar a aula.

IV – Eram treze horas e não havia almoçado.

Marque a opção em que estão classificadas corretamente quanto à concordância:

- a) Estão corretas as opções I, III, IV
- b) Estão erradas as opções I, II e III
- c) Estão erradas as opções I e II
- d) Todas estão erradas
- e) Todas estão corretas

Habilidade trabalhada: Identificar e promover relações de concordância nominal e verbal entre unidades do discurso.

Resposta comentada: A frase I está errada, pois o verbo deveria ter ficado no singular concordando com o numeral “meio”; a frase dois também está errada pelo mesmo motivo, o numeral “uma” está no singular, então o verbo deveria estar no singular; a frase III e a Frase IV estão corretas, já que o verbo concorda perfeitamente com o numeral, um no singular e o outro no plural, respectivamente. Sendo assim, a opção correta é a letra C

TRECHO REMOVIDO

Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré, é um famoso poeta popular. Nasceu na cidade de Assaré, em 1908, e lá morreu em 2002. Trabalhador da roça, teve apenas instrução elementar, mas se tornou um inspirado repentista, compositor, cantor e poeta. Seu apelido, Patativa, é o nome de um pássaro de bonito canto. Produziu poemas tanto em linguagem culta como textos que reproduziam a fala nordestina. Abaixo, temos um poema desse autor:

Texto Gerador 2

Nordestino, sim, nordestinado, não

Nunca diga nordestino
Que Deus lhe deu um destino
Causador do padecer
Nunca diga que é o pecado
Que lhe deixa fracassado
Sem condições de viver

Não guarde no pensamento
Que estamos no sofrimento
É pagando o que devemos
A Providência Divina
Não nos deu a triste sina
De sofrer o que sofremos

Deus, o Autor da Criação,
Nos dotou com a Razão,
Bem livres de preconceitos.

Mas os ingratos da terra,
Com opressão e com guerra,
Negam os nossos direitos!

Não é Deus Quem nos
castiga,
Nem é a seca que obriga
Sofrermos dura sentença!
Não somos nordestinados
Nós somos injustiçados
Tratados com indiferença!
Sofremos, em nossa vida,
Uma batalha renhida,
Do irmão contra o irmão.
Nós somos injustiçados,
Nordestinos explorados,
Mas nordestinados, não!

Há muita gente que chora,
Vagando de estrada afora,
Sem terra, sem lar, sem pão.
Crianças esfarrapadas,
Famintas, escaveiradas,
Morrendo de inanição.

Sofre o neto, o filho e o pai.
Para onde o pobre vai,
Sempre encontra o mesmo mal.
Esta miséria campeia
Desde a cidade à aldeia,
Do Sertão à capital.
Aqueles pobres mendigos
Vão à procura de abrigos,
Cheios de necessidade.

Nesta miséria tamanha, Se acabam na terra estranha, Sofrendo fome e saudade!	Legiões de retirantes! Os grandes martírios seus Não é permissão de Deus: É culpa dos governantes!	De onde nasce e de onde vem A raiz do grande mal: Vem da situação crítica, Desigualdade política Econômica e social. (...)
Mas não é o Pai Celeste Que faz sair do Nordeste	Já sabemos muito bem	

PATATIVA DO ASSARÉ (Antônio Gonçalves Silva). Disponível em olhosdosertao.blogspot.com.br

ATIVIDADE DE LEITURA

Questão 3

O texto gerador 2 destaca que a causa do sofrimento dos nordestinos pela seca não é Deus, nem a natureza; mas a falta de atenção das autoridades, as injustiças sociais e a desigualdade econômica. Explique o jogo de palavras criado pelo autor quando ele usa, no título do poema, nordestino e nordestinado.

Habilidade trabalhada: Relacionar os modos de organização da linguagem às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto sociocultural de cada época.

Resposta comentada: Pretende-se que o aluno perceba o trocadilho feito entre as palavras nordestino e nordestinado. Segundo o autor, a miséria que o povo nordestino vive não seria um “destino”, daí a palavra nordestinado (nordestino + destinado) e sim a injustiça social que lhes é imposta pela falta de recursos destinados pelo governo.

ATIVIDADE DE LEITURA

Questão 4

Algumas das características da 1ª fase do Modernismo era a presença de versos livres e de um vocabulário não rebuscado, a liberdade temática e a ampliação dos temas poéticos. Após estudarmos também as características da 2ª fase do Modernismo, indique quais as características mantidas e as transgredidas da 1ª para a 2ª fase. Justifique sua resposta retirando do texto trechos que comprovem sua resposta.

Habilidade trabalhada: Caracterizar o Modernismo brasileiro e Identificar o caráter de transgressão/manutenção presente na literatura modernista.

Resposta Comentada: Pretende-se que o aluno identifique que nesse poema, que pertence à 2ª fase do Modernismo, características como a liberdade temática e ampliação dos temas poéticos são mantidas e como justificativa para essa afirmação pode-se selecionar os seguintes versos: “Não é Deus Quem nos castiga, / Nem é a seca que obriga / Sofremos dura sentença! / Não somos nordestinados / Nós somos injustiçados / Tratados com indiferença!”; no entanto, é característica da 2ª fase uso de versos regulares, rimas e formas fixas, obediência às normas gramaticais da variedade padrão e a transgressão a crítica à gramática normativa. Para justificar essa afirmação, entre outros versos, podemos destacar: “Mas não é o Pai Celeste / Que faz sair do Nordeste / Legiões de retirantes! / Os grandes martírios seus / Não é permissão de Deus: / É culpa dos governantes!

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

Questão 5

Na estrofe abaixo, destacamos duas sentenças. Ambas são virguladas pelo mesmo motivo. Selecione a alternativa que cita corretamente o motivo que justifica o uso das vírgulas.

Há muita gente que chora,
Vagando de estrada afora,
Sem terra, sem lar, sem pão.
Crianças esfarrapadas,
Famintas, escaveiradas,
Morrendo de inanição.

- a) vocativo
- b) enumerar objetos diretos
- c) separa elementos de uma enumeração
- d) aposto
- e) separar adjuntos adverbiais de lugar e modo, respectivamente

Habilidade Trabalhada: Explorar questões relacionadas à pontuação em sua articulação com a estrutura sintática e com as escolhas estilísticas dos autores.

Resposta Comentada: os termos separados por vírgulas são elementos de uma enumeração, sendo assim a resposta correta é a letra C. Vale, neste momento, o professor trabalhar o uso da vírgula.

Questão 6

Na 1ª fase do Modernismo brasileiro, tivemos contato com o Manifesto, gênero que denunciava questões que até então não eram abordadas na literatura. Na 2ª fase estas denunciaram permaneceram acontecendo em outros gêneros textuais, como vimos no texto gerador 2. Agora é sua vez: produza um manifesto que denuncie algo que sua cidade, bairro ou comunidade esteja sendo alvo. Mas não se esqueça: quanto à estrutura, o gênero apresenta um título; um corpo do texto em que os problemas são identificados e se argumenta (solidamente) para validar o ponto de vista em defesa; local, data e assinatura(s).

Habilidade trabalhada: Produzir manifestos e panfletos que discutam aspectos políticos e sociais abordados nos textos literários estudados, considerando a importância do tópico frasal para a proposição de argumentos e premissas.

Comentário: Vale incentivar os alunos a trabalhar no manifesto uma situação que precisa ser cobrada das autoridades, que precisa ser exposta aos governantes. No entanto, é necessário que os alunos entendam se tratar de um texto em norma culta e que o gênero é basicamente argumentativo.

TRECHO REMOVIDO